



O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO TERRITORIAL-PRODUTIVA EM CURSO NA BAIXADA FLUMINENSE¹

MORAIS, Marcelo Loura²

RESUMO

A Baixada Fluminense se localiza na Região Metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, caracterizada pela estigmatização da pobreza sofrerá uma reviravolta econômica na década de 1990, onde a convergência de fatores políticos e econômicos fomentarão uma guinada desenvolvimentista industrial que se apresentará como a solução para os problemas sociais históricos da Baixada Fluminense. Em nossa pesquisa identificamos esse processo como um desmembramento de um processo global de expansão do capitalismo industrial para as regiões periféricas, solução para o entrave básico da acumulação capitalista: o “*conflito Capital-Trabalho*” (HARVEY, 2011), que busca áreas com mão-de-obra mais barata e incentivos fiscais e percebemos portanto, como não é possível entendê-lo somente pela perspectiva econômica regional, necessitando recorrer a processos mais globais referentes ao avanço da internacionalização do capitalismo. Em nosso levantamento bibliográfico percebemos como essa expansão industrial para a periferia na verdade acentua contradições latentes em nossa sociedade e reconstrói tantas outras; esta reestruturação carrega consigo, uma grande expansão do setor de serviços e de toda a precarização que envolve a terceirização das contratações das relações de trabalho (SANTOS, 2009; ANTUNES, 1999), e principalmente uma nova dinamização e organização dos espaços urbanos que visam cada vez mais se tornar “atrativos” para os investimentos gerando modelos urbanos segregados e alimentando uma alta especulação imobiliária, realidade extenuante em Nova Iguaçu por exemplo (SIMÕES, 2011). Logo percebemos que passados 20 anos que marcam a reestruturação na Baixada Fluminense os ganhos sociais prometidos não acompanharam a guinada econômica.

Palavras-chave: Reestruturação, Globalização, Baixada Fluminense.

ABSTRACT

"Baixada Fluminense" is located in the Metropolitan Area of the city of Rio de Janeiro, characterized by the condition of the poverty it will suffer an economical changing in the decade of 1990, where the convergence of political and economical factors will foment a deflection industrial development that will come as the solution for the problems social reports of the "Baixada". In our research we identified that as a part of a global process of

¹ EIXO TEMÁTICO: O urbano em suas diferentes escalas

² Graduando do 7º período em Geografia pela UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), Bolsista PIBIC-CNPq do Projeto “O Processo de Reestruturação Territorial-Produtiva da Baixada Fluminense” orientado pelo Prof.º: DR. Leandro Dias de Oliveira. – Email: Marcelogeoo@ufrj.br



expansion of the industrial capitalism for the outlying areas, solution for the basic fetter of the capitalist accumulation: the " conflict Capital-work " (HARVEY, 2011), that looks for areas with cheaper labor and fiscal incentives and we noticed therefore, as it is not possible to only understand it for the regional economical perspective, needing to appeal to referring more global processes to the progress of the internationalization of the capitalism. In our bibliographical rising we noticed actually as that industrial expansion for the periphery it accentuates latent contradictions in our society and it reconstructs so much other; this restructuring carries with herself, a great expansion of the section of services and of the whole degradation of the work relationships (SANTOS, 2009; ANTUNES, 1999), and mainly a new organization of the urban spaces that seek more and more to become " attractive " for the investments generating segregated urban models and feeding a discharge real estate speculation, is really strong in "Nova Iguaçu" for instance (SIMÕES, 2011). Soon we noticed that after 20 years that mark the restructuring in the "Baixada Fluminense" the promised social earnings didn't accompany the economical deflection.

Keywords: Restructuring, Globalization, "Baixada Fluminense"

1. INTRODUÇÃO

A Baixada Fluminense emerge como uma importante região no desenvolvimento industrial do estado do Rio de Janeiro, essa intensa onda de investimentos recentes é alvo de inúmeros estudos³ e todos concordam que a Baixada definitivamente busca assumir um novo papel, "uma nova identidade" pautada no crescimento sustentado pelo desenvolvimento econômico, o poder político conseqüentemente se utiliza desse novo papel regional para propagar os "ares do progresso" que finalmente escolheram essa região historicamente desfavorecida para romper com seu papel histórico secundário. Essas transformações que articulam tanto a esfera pública quanto privada revelam somente o aspecto visível de inúmeros outros processos contemporâneos ao desenvolvimento do capitalismo e da globalização e permitem-nos entender não somente a Geografia do Estado do Rio de Janeiro e suas dinâmicas urbanas e econômicas, mas como perceber os ditos processos globais do avanço da influência do capital internacional sobre áreas periféricas interconectando elementos teóricos acerca do desenvolvimento capitalista com dados e números envolvendo o desenvolvimento regional, evidenciando as diferentes escalas presentes no processo de reestruturação. Temos por objetivos centrais nessa pesquisa: compreender estes processos emergentes e detectar sua ligação com elementos mais globais da ordem capitalista, realizar

³ OLIVEIRA, F. J. G. (2003), ROCHA, A. S. (2011). SIMÕES, M. R. (2011, 2011[b]), SILVA, R. D. (2012).



um levantamento desses investimentos industriais recentes além analisar os reais impactos tanto no econômico como urbano.

Em termos metodológicos seguimos os seguintes passos: realizamos um levantamento bibliográfico aliado a discussões teóricas realizadas REC-LAGEPPE (Laboratório de Geografia Política e Reestruturação Espacial Contemporânea) – UFRRJ sobre a temática, discutindo os elementos econômicos e territoriais do desenvolvimento de ordem capitalista mundial contemporânea, para posteriormente iniciarmos a fase de busca e consulta aos dados estatísticos contabilizando os investimentos regionais (no período que vai de 1996 a 2007) através da consulta a órgãos oficiais e governamentais como a FIRJAN, a Fundação CEPERJ, o IBGE, sites das prefeituras entre outros, com o intuito de realizar a correlação entre os fatores ditos locais com os globais.

2. REFLEXÕES INICIAIS

2.1. Baixada Fluminense - Problematizando a área de estudo

Inúmeras discussões e debates já foram realizados acerca da dificuldade sobre a delimitação daquilo que chamamos de Baixada Fluminense, como por exemplo: “*se torna complexa a indefinição territorial da Baixada, uma vez que sua composição está à mercê de diferentes representações*” (ROCHA, 2011, p. 25); ou: “*Não existe um consenso geral do que seja a Baixada Fluminense, quais os seus limites e os municípios que a compõe. A cada trabalho sobre essa região reabre-se o debate.*” (SIMÕES, 2011[b], p.14). Sua origem histórica remete a ocupação portuguesa do século XVI das bacias dos rios Iguazu, Magé, Meriti entre outros, porém delimitar precisamente os limites desta área se torna algo perigoso, pois podemos referenciá-la sobre diversos olhares e aspectos como já dito, que vão desde sua base geomorfológica, e até pelas suas representações políticas e simbólicas ligadas a área que a unem através de índices de violência, desemprego e etc. (ROCHA, 2011). Como esta é uma discussão complexa e prolongada, decidimos não ater especificamente a delimitação exata do que é Baixada e decidimos que para fins metodológicos iremos nos ater na pesquisa a “Baixada Fluminense reduzida” – sua porção central, e analisar os municípios cujos investimentos econômicos na última década foram significativos tendo como referências dados do livro “Indústria e Desenvolvimento Regional no Rio de Janeiro (1990-2008)”, FIRJAN, Fundação CEPERJ e IBGE, sendo que após esta triagem de dados definimos por



fim, como limites da nossa área de estudo os seguintes municípios componentes da Baixada Fluminense: Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Queimados, Paracambi e Seropédica. Estas cidades apresentam particularidades e semelhanças suficientes para entendermos o processo de reestruturação produtiva e territorial engatilhado na região.

No mapa a seguir podemos observar o que Simões (2011[b]) representa a visão geopolítica da Baixada Fluminense ligada a suas origens históricas, destacadas no mapa tanto a versão “reduzida” como a “ampliada” interessante também perceber a posição de continuidade em relação a principal metrópole (Rio de Janeiro), sendo que esta separação (do mapa a seguir) é a considerada a mais próxima da oficial para inúmeros órgão oficiais estatísticos como a Fundação CEPERJ e CIDE (Figura 1.):

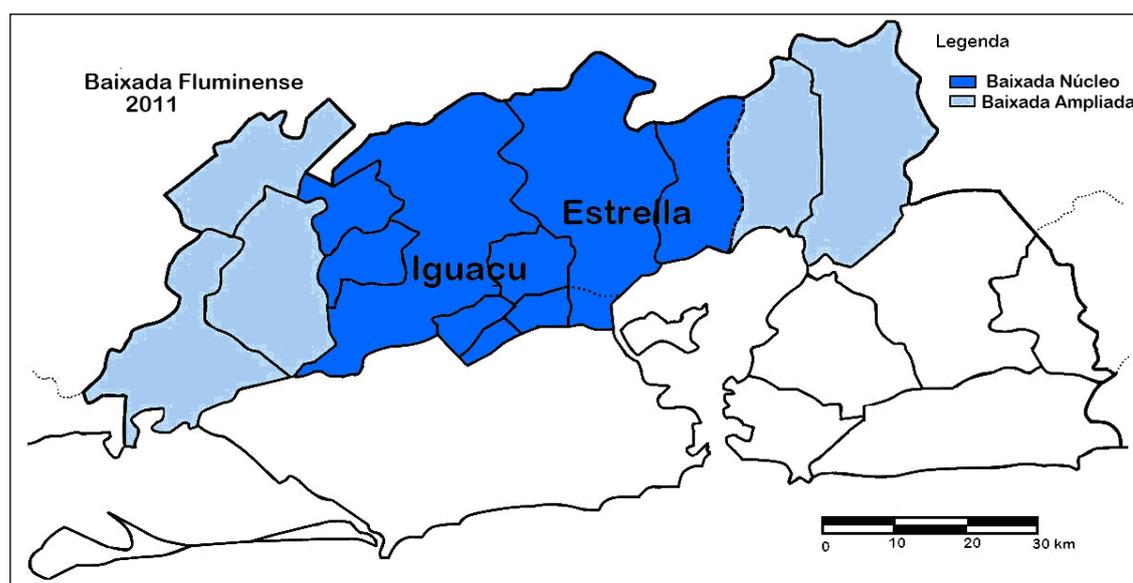


Figura 1. Baixada Fluminense em destaque sobre a RMRJ (Região Metropolitana)

Fonte: MAPA: Baixada Fluminense: (SIMÕES 2011[b], p. 26)

2.2. Contextualização Histórica

Ao procurarmos os fatores que engendram o processo de reestruturação produtiva e territorial da Baixada Fluminense, antes de nos atermos aos atores locais do recorte empírico precisamos estender o recorte e buscar o contexto histórico do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas identificando processos econômicos, políticos e sociais mais amplos. Neste mencionado processo de reestruturação a industrialização aparece como o elemento central das novas lógicas econômicas e espaciais, a partir da análise dos investimentos na Baixada nos últimos anos podemos enxergar toda a lógica da globalização em seu estágio de



internacionalização do capital, época caracterizada fortemente pela “acumulação flexível” e “fluidez das relações econômicas”, ou seja, o que há de mais novo na acumulação capitalista (HARVEY, 2007; BAUMAN 2008), entretanto, conseguimos identificar também elementos caracterizados como pertencentes ao “fordismo” e toda sua “rigidez”, geralmente vinculados a um modo de acumulação ultrapassado. Isto evidencia para nós que a realidade longe de um processo linear e cronológico é na verdade algo muito mais heterogêneo.

Na busca pela contextualização histórica não podemos deixar de “retroceder” e definir o ano de 1973 como um marco histórico simbólico para explicar o mundo atual, justamente por ser o ano em que os países da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) resolvem se unir contra a queda dos preços do petróleo, e em reunião decidem pelo aumento do valor do petróleo, lembrando que por ser uma matriz energética básica seu preço influi direto na estabilidade da economia mundial e seus índices inflacionários, a economia mundial, portanto que já passava por um período conturbado e seu ciclo de crescimento começava a ruir, desmorona de vez culminando em uma intensa crise mundial (HARVEY, 2012). O mundo capitalista central com uma gestão marcada pela forte interferência do estado e conhecido como “Estado do Bem-estar Social” é preterido por uma gestão que favoreça mais o grande capital privado internacional: *“Enquanto nos anos 1960 costumava-se usar o slogan ‘o que é bom para a General Motors é bom para o Estados Unidos’, nos anos 1990 o slogan era ‘o que é bom para Wall Street é tudo o que interessa’* (Ibidem, p. 42).

Este capitalismo mais desregulamentado, marcado pelo predomínio do capital financeiro perante o produtivo e ataque ao trabalho organizado em busca da “extração dos superlucros” (COGGIOLA, 1996) se utiliza da crise internacional deflagrada em 1973 para emergir e se consolidar na ascensão ao poder de Margaret Thatcher na Inglaterra em 1979 e Ronald Reagan em 1980 (HARVEY, 2012). Como conseqüências relevantes para nosso recorte de pesquisa, podemos retirar destes acontecimentos dois pontos cruciais: a) a formação de uma nova DIT (Divisão Internacional do Trabalho) e b) a consolidação do Estado Neoliberal.

Em relação a primeira conseqüência : a reorganização da DIT, observamos a função dos países reajustada na ordem mundial através da “fuga das fábricas” a dita ”deslocalização” (WALLERSTEIN, 2003) para a periferia que deixa de ocupar o papel de mero exportador de matérias-primas rompendo com o modelo clássico, ou seja, finalmente os países periféricos poderiam se industrializar, se “modernizar” contudo, este movimento das fábricas veio



acompanhado de outros processos que permitem ao mesmo tempo alterar a Divisão Internacional do Trabalho sem ameaçar a hegemonia dos países centrais e isto vai ocorrer através de valorização de outros elementos que não são mais pertencentes a “indústria clássica” como a informática, o mundo “ciber-eletrônico”, a automação, o sociólogo Immanuel Wallerstein explica esta valorização de novos elementos da seguinte maneira:

A pesar de as cadeias mercantis terem sofrido reestruturações significativas mais ou menos a cada cinquenta anos, preservaram-se as cadeias hierarquicamente organizadas. Processos produtivos têm decaído na escala hierárquica à medida que processos novos são inseridos no topo da hierarquia. Áreas geográficas específicas têm acolhido processos cujos níveis hierárquicos estão em constante alteração. Determinados bens experimentaram seus ‘ciclos de produto’, começando como centrais e acabando como periféricos. (WALLERSTEIN, 2007, p.33,34)

Através desta troca hierárquica que o capitalismo consegue promover nas funções produtivas dos países sem, no entanto alterar a relação entre centro e periferia, as trocas sempre serão trocas desiguais de valor, ou seja, é possível aos países centrais incorporar novas regiões a lógica capitalista sem se ver ameaçado por esta expansão mantendo sempre a relação de dominador e dominado, com isso entendemos o porquê da industrialização agora parte da rotina do Terceiro Mundo dificilmente carregar consigo índices reais de melhoria na sociedade, pois não representa uma ruptura com o modelo de desenvolvimento desigual e sim uma continuidade deste mesmo.

A segunda consequência mencionada, referente aos acontecimentos pós década de 1970, é o dito: recuo nas obrigações do dever do estado. O “Terceiro Mundo” que em nenhum momento desfrutou do “Estado do Bem-estar social” vê seus poucos ganhos sociais serem extirpados um a um pela lógica neoliberal, que irá determinar os rumos da economia mundial na dita “pós-modernidade” (HARVEY, 2012), lógica esta que prevê cada vez mais o Estado como um investidor e parceiro econômico do poder privado e que para se ajustar a dinâmica capitalista precisa se livrar do que seriam suas “amarras” a saúde, educação, auxílios e etc. priorizando uma gestão financeira em detrimento do social. Estas duas consequências refletem diretamente nossa análise da reestruturação produtiva, pois ao mesmo tempo implicam nas indústrias como agentes centrais da organização espacial, articulam uma intervenção estatal que privilegia a circulação e movimentação do capital ao fornecer infra-estruturas, isenção de impostos e inúmeros outros incentivos. Portanto, um estudo que



abrange um fenômeno de esfera local, ou seja, de Geografia regional, precisa levar em conta todos estes fatores mais amplos que moldam a lógica espacial contemporânea, percebemos, portanto um processo de expansão das indústrias para a periferia, entretanto elas se mudam apenas com suas linhas de montagem, e como todo processo capitalista busca a obtenção e manutenção da extração da mais-valia, permitida agora pela redução das distâncias que diminui os custos do transporte, no entanto insere na dinâmica das regiões recentemente incorporadas a lógica capitalista todos os problemas ligados a instabilidade dos fluxos de capital:

O comportamento competitivo gera também um estado de perpétuo movimento e de instabilidade crônica na distribuição espacial de atividades capitalistas, na medida em que os capitalistas buscam localizações superiores (isto é, de menor custo). A paisagem geográfica da produção, da troca, da distribuição e do consumo capitalistas nunca está em equilíbrio. (HARVEY, 2012[b] p. 84)

2.3. Contradição elementar

Todos estes processos históricos descritos resultam de um elemento contraditório central, uma premissa básica para se entender a expansão do capitalismo, processo conhecido por diversas alcunhas e trabalhado por vários autores como por exemplo: “superprodução”, “sobreaacumulação” ou ainda “excedentes de capitais” (HARVEY, 2011; LENIN, 2012) que consiste basicamente no momento aonde a acumulação capitalista atravessa um período de excedentes tanto de capital quanto de trabalho, e assim dentro de determinados limites geográficos torna-se impossível conter a desvalorização de ativos, processo descrito por David Harvey ao citar a obra clássica de Rosa Luxemburgo:

O problema, alega ela(Rosa Luxemburgo), é o subconsumo, uma falta geral de suficiente demanda efetiva para absorver o crescimento da produção que o capitalismo produz. Essa dificuldade advém da exploração dos trabalhadores, que, por definição, recebem bem menos valor para gastar do que aquilo que produzem, e os capitalistas são obrigados ao menos em parte a reinvestir em vez de consumir. (HARVEY, 2012, p. 116)



Sendo que a solução deste problema passa por ajustes que serão chamados de “ordenações espaços-temporais” onde a contradição é “apertada” e “espremida”, mas jamais solucionada. Esta solução basicamente se resume a duas medidas:

De um lado temos a expansão geográfica do capitalismo, que poderíamos chamar de *expansão externa dos mercados*. A outra forma de expansão seria a criação de novos produtos, novas mercadorias, inovações no mercado, portanto a *expansão interna dos mercados*. (BOTELHO, 2013, p. 2 *grifo nosso*).

A expansão interna consiste no investimento em infra-estrutura, longas obras, a criação de novos mercados tudo dentro do mesmo limite geográfico, chamada de “adiamento do tempo” (HARVEY, 2011, 2012) Vale ressaltar inclusive que no tangente as obras infra-estruturais o retorno é lento e se dá em longo prazo, o que evidencia o caráter arriscado destes reajustes que podem não solucionar o problema da sobreacumulação a tempo. A segunda medida de correção a “expansão geográfica” passa pela ampliação das relações capitalistas através da incorporação de outros territórios a lógica mercantil, “*a expansão absoluta do capitalismo*” (BOTELHO, 2013, p.3). Autores mais contemporâneos como Immanuel Wallerstein também discorreram sobre esta característica de resolução da contradição baseada na “transferência de ativos” através do espaço geográfico:

O modo mais efetivo de baixar os custos de produção é baixar os custos da mão-de-obra – através de um aumento na mecanização, de mudanças de leis ou costumes para reduzir os salários reais ou por *deslocamentos geográficos da produção* para zonas de mão-de-obra mais barata. (WALLERSTEIN, 2007 p. 128 – grifo nosso)

Além de autores mais clássicos como V. I. Lênin:

Enquanto o capitalismo for capitalismo, o excedente de capital não é consagrado à elevação do nível de vida das massas do país, pois isso significaria a diminuição dos lucros dos capitalistas, mas ao aumento desses lucros através da exportação de capitais para o estrangeiro, para os países atrasados. Nestes, o lucro é em geral elevado, pois os capitais são escassos, o preço da terra e os salários, relativamente baixos, e as matérias-primas baratas. (LÊNIN, 2012, p. 94)

O mundo da década 1970 enfrentava justamente o período em que estas contradições sendo “espremidas” iriam se acumular até eclodir em uma crise sistêmica onde toda a



economia mundial passaria por uma recessão e o enfrentamento da crise passaria por soluções aonde a ordem de acumulação capitalista precisaria ser mantida e ao mesmo tempo inovada para continuar existindo, esta incapacidade de resolver suas contradições dentro de determinados limites vai influir diretamente em nossa análise, pois a economia dos países periféricos vai funcionar seguindo estas lógicas impostas pela “expansão absoluta do capitalismo”. Para concluirmos o ponto acerca da transferência dos meios de produção industrial capitalistas para a periferia podemos citar o sociólogo Zigman Bauman que capta bem o caráter predatório destas “mudanças”: *“O capital pode sempre se mudar para locais mais pacíficos se o compromisso com a ‘alteridade’ exigir uma aplicação dispendiosa da força ou negociações cansativas. Não há necessidade de se comprometer se basta evitar”*. (BAUMAN, 2008, p.18).

2.4. Redefinindo a Escala da Contextualização: Olhar Local

Na cartografia ao reduzirmos o denominador da escala obtemos uma maior aproximação do objeto cartográfico: da carta ou do mapa, por exemplo, seguindo esta analogia podemos agora listar alguns fatores locais à Baixada Fluminense nas últimas décadas que ao complementarem o olhar mais ampliado permitem que possamos entender um pouco melhor o contexto em que se apresenta a reestruturação produtiva. Assim, como definimos um marco simbólico para contextualizar a realidade internacional, podemos definir os anos 1960 e a construção de Brasília como ponto de partida para entender a realidade fluminense, que até então era a sede da capital federal e acumulava grande parte do poder político do país, contudo com a transferência da capital federal para o centro-oeste e a separação do Rio de Janeiro do resto do estado como era previsto na constituição configurando o Estado da Guanabara iniciam uma grave crise econômica e política no Rio de Janeiro, processo que somente seria revertido após forte aporte do estado brasileiro que no momento pratica uma política desenvolvimentista. A partir destas informações notamos como a industrialização e o crescimento econômico regional sempre estiveram vinculados aos agentes públicos caracterizando uma centralização que iria marcar até os dias atuais a lógica do Espaço fluminense. Processo este descrito a seguir:

A concentração dos investimentos deve-se ao fato de que a cidade do Rio de Janeiro se constituiu, desde os primeiros anos do processo de



industrialização, como Município Neutro – por abrigar a capital da Colônia e do Império – como Distrito Federal (DF) e, posteriormente, cidade/Estado da Guanabara, gerando um modelo de desenvolvimento e industrialização fortemente dependente das ações do governo central. (OLIVEIRA, 2003, p. 70)

Após essa separação entre cidade e restante do estado, uma grande discussão em torno da união entrou em foco, sendo que 14 anos após a separação em 1974, há a fusão entre o Estado da Guanabara e o Estado do Rio de Janeiro, este processo marca uma nova ascensão da economia fluminense, pois após o impacto sofrido pela perda da capital a reunificação trouxe consigo enorme incentivos públicos oriundos do “milagre brasileiro”. Porém a advinda dos anos 1980 e o reaparecimento da crise internacional abalam os investimentos federais no estado do Rio de Janeiro: *“o início da década de 1980, portanto é um momento delicado para a economia nacional face ao redirecionamento das prioridades de investimentos pelo sistema financeiro internacional que antes financiara o milagre brasileiro”*, (OLIVEIRA, 2003 p. 79) inclusive neste momento o governo federal passa a definir outras prioridades para atingir metas de exportação “abandonando” a economia fluminense: *“A produção mineral no Projeto Carajás e o aumento da produção agropecuária se tornam prioridade do ministro Delfim, na perspectiva de ampliar as exportações brasileiras.”* (OLIVEIRA, 2003 p. 79) economia esta caracterizada por sua fragilidade e dependência do poder público passa por outro ciclo de crise, e ainda por cima tudo isto é acirrado por divergências políticas que sempre estiveram presentes na realidade local.

A Baixada Fluminense localizada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro exerceu sempre o papel de periferia em face a centralidade do Rio de Janeiro, entretanto a década de 1990 marca justamente uma ruptura com o modelo centralizador e estagnado da economia fluminense para trazer novas dinâmicas territoriais produtivas, a convergência de atores promulgadores de uma política desenvolvimentista articulada com os investimentos capitalistas vai culminar em uma nova gama de investimentos industriais ,que modificam a realidade urbana e produtiva bem como a “imagem” da Baixada.

Esta nova projeção econômica irá se combinar com um elemento básico da dinâmica da expansão urbana: o aumento do preço da renda da terra da região central da cidade do Rio de Janeiro, oriunda do crescimento e expansão das cidades, a partir disto as indústrias buscam estabelecer-se em locais afastados, contudo no caso da Baixada, um “distante que é perto”



sempre na busca de reduzir os custos da produção e que ofereçam infra-estrutura principalmente ligada a transportes para conseguirem incrementar seus rendimentos, processo que segue um precedente, pois a Baixada oferece uma continuidade logística em relação a cidade do Rio de Janeiro além de ser uma alternativa ao aumento do preço da renda do solo nas áreas centrais. (ABREU, 2006).

Através disto conseguiremos observar como há um aumento considerável nos investimentos industriais na Baixada Fluminense no recorte temporal proposto pela pesquisa aliada a fortes subsídios do Estado, confirmando as reflexões teóricas que desenvolvemos até aqui tanto em escala local como global, lembrando sempre que estas desenvolvem processos concomitantes e dialéticos não sendo possível entender uma sem a outra: *“A mundialização do capital e, por consequência, das atividades econômicas se dá com o encadeamento entre o que ocorre em escala global e o que ocorre nos lugares”* (SPOSITO, 2008, p. 48).

Todos estes eventos repercutem na década de 1990 em diante, pois é a partir deste momento temos a emergência de uma nova visão de “Baixada” (ROCHA, 2011) que passa a ser vista como um local de “vetor do progresso” um local propício aos investimentos, fruto da convergência de todos estes fatores em múltiplas escalas. Assim, urge a necessidade de refletir esses dados sobre o desenvolvimento econômico e perceber de que forma se molda essa reestruturação urbano-produtiva na Baixada Fluminense.

3. A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA

3.1. A reestruturação produtiva e sua faceta econômica

Como já explicado anteriormente, existe uma tendência de expansão e desconcentração na distribuição espacial industrial decorrente da própria necessidade de busca do capitalismo por diminuir e externalizar custos, e a Baixada Fluminense vai oferecer todos os pressupostos básicos para esta expansão: isenções fiscais, mão-de-obra barata e se localizar em uma região favorecida pelas articulações rodoviárias, logo sua posição é “privilegiada” para as indústrias e os investimentos capitalistas em geral.

Ao longo de suas história territorial podemos observar certa tendência de expansão das fábricas para a Baixada, expansão esta que tem como marco histórico a instalação da Fábrica Nacional de Motores (FNM) início da instalação das grandes indústrias na região (SIMÕES,



2011). Esta expansão ao longo do século XX nunca se concretizou verdadeiramente, porém ao longo dos últimos 20 anos o investimento industrial na Baixada vem se intensificando progressivamente em razão dos motivos que já contextualizamos, apresentando uma possibilidade cada vez maior de em um futuro próximo transformar-se uma grande área industrial.⁴

Ao buscarmos as respostas nos dados empíricos conseguimos obter uma confirmação das características de lugar privilegiado para os investimentos industriais, por exemplo: o pressuposto básico para que uma indústria possa transferir sua localidade baseia-se na infraestrutura viária disponível, condição básica para diminuir o custo final do produto, e a Baixada irá se mostrar favorecida nestas condições, localizada no principal eixo metropolitano do Brasil, entre São Paulo e Rio de Janeiro e às portas da Rodovia Presidente Dutra, próxima também do Porto de Itaguaí possui um potencial imenso de alocação de fábricas, o seguinte mapa (Figura 2.) mostra a disponibilidade de linhas de transmissão elétricas, dutos e auto-estradas do estado do Rio de Janeiro, interessante observar a concentração de infra-estrutura em toda Região Metropolitana do Rio de Janeiro:

⁴ Existem na região alguns pólos já consolidados como o Distrito Industrial de Queimados, a produção industrial da REDUC em Duque de Caxias e o Pólo Farmacêutico Estético de Nova Iguaçu.

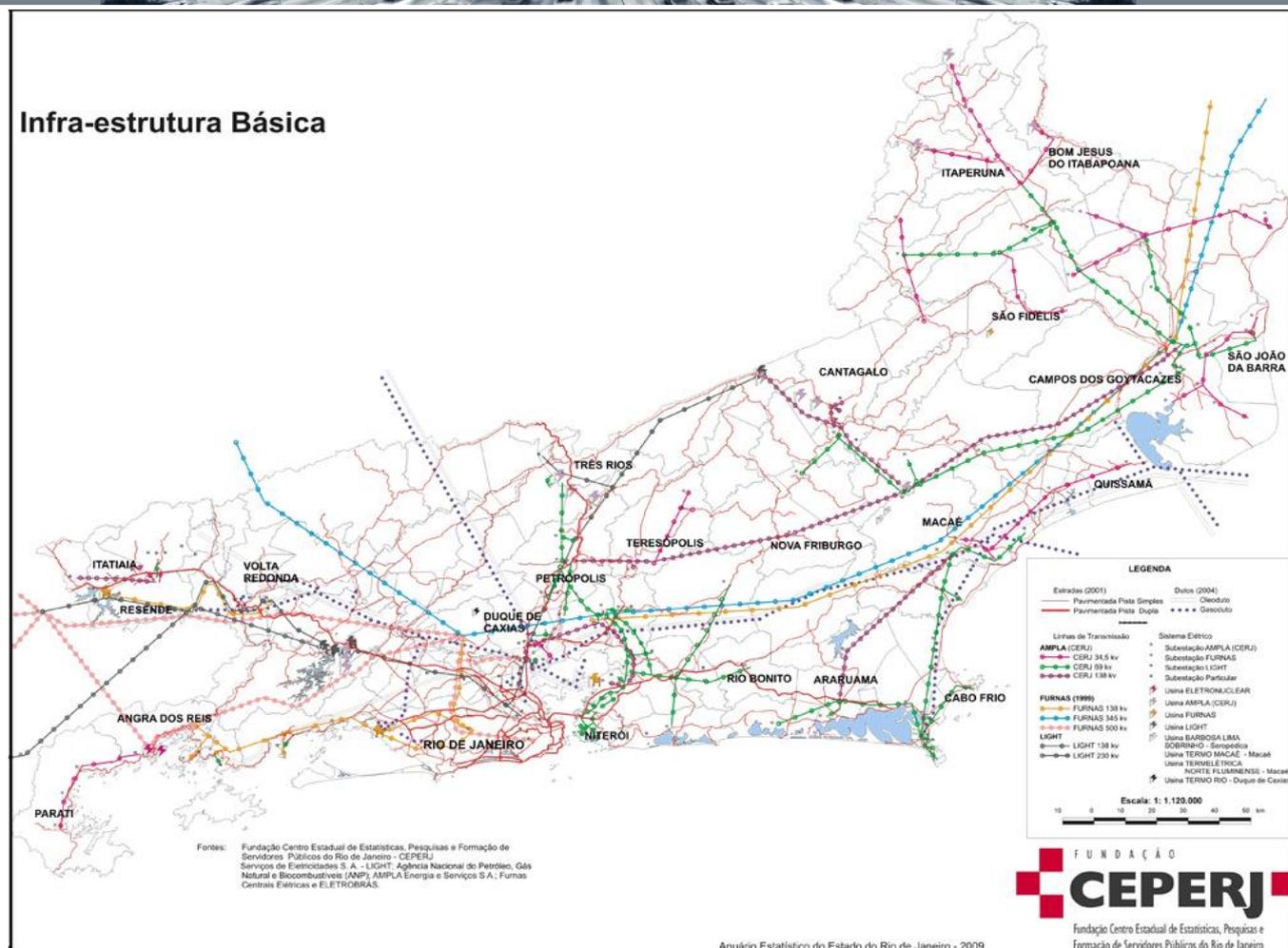


Figura 2. Infra-estrutura disponível no Estado do Rio de Janeiro em 2009

Fonte: (CEPERJ, 2010)

Logo o primeiro pressuposto básico para a instalação de complexos industriais é atendido. Outro fator preponderante para a instalação de indústrias consiste na mão-de-obra barata disponível, e mais uma vez os dados dos órgãos oficiais confirmarão o preenchimento de outro pressuposto para os investimentos industriais. Considerando que a história do Rio de Janeiro é marcada por uma série de reformas que tiveram por finalidade a consolidação de um modelo segregador aonde o núcleo fosse reservado para as camadas mais privilegiadas da população e aos mais pobres sobrava a possibilidade de ir buscar moradias em locais cada vez mais distantes dos centros urbanos (ABREU, 2006) a Baixada exerce papel de local de moradia para todos aqueles que são incapazes de morar em locais mais próximos ao principal centro urbano - Rio de Janeiro e isso a caracteriza portanto como um lugar que possui uma condição maior de pobreza generalizada, tudo isto confirma-se no mapa a seguir (Figura 3.),



em que podemos observar como os maiores índices de pobreza (áreas mais escuras) estão presentes na Baixada Fluminense, a partir disto torna-se fácil perceber a correlação entre a instalação de indústrias e a busca por diminuir os custos através de acesso a mão-de-obra barata.

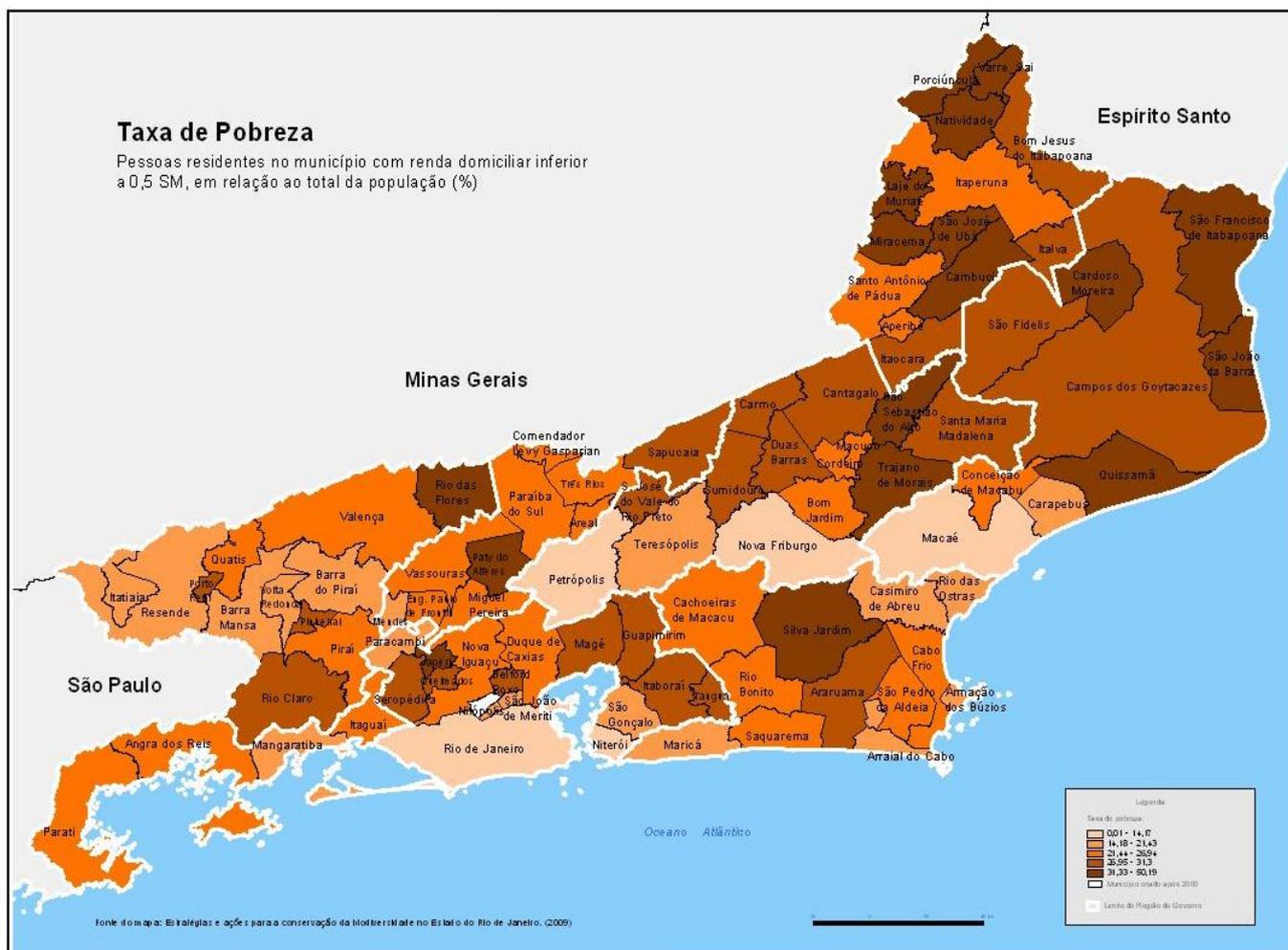


Figura 3. Índices de pobreza do Estado do Rio de Janeiro em 2009.
Fonte: (CEPERJ, 2010)

Depois confirmar nestes pressupostos básicos o motivo para a instalação e intensificação das atividades industriais, podemos agora dissecar os investimentos regionais ao longo dos últimos vinte anos. Primeiramente após a triagem dos dados no livro “Indústria e Desenvolvimento Regional do Rio de Janeiro 1990 - 2008” selecionamos os investimentos pós 1996 e localizados exclusivamente na Baixada (tabela 1.):

Tabela 1. Investimentos na Baixada Fluminense no período 1996-2006

Localidade das Empresas:	Nº de empresas	Total Investimentos:	Empregos Gerados
--------------------------	----------------	----------------------	------------------



Duque de Caxias	24	1.573.749	4589
Seropédica	2	811.445	143
Magé	3	26.752	492
Queimados	15	143.339	971
Paracambi	1	10.000	0
Nova Iguaçu	4	42.542	692
TOTAL	49	2.607.827	6887

Fonte (SILVA, R. D. 2012) – Org. própria

Observamos como há um grande número de investimentos neste recorte temporal que confirma nossa constatação de que a região agora desperta novos olhares para os investimentos capitalistas, uma visão de progresso e de virada baseada no desenvolvimento econômico. Ao analisarmos ano a ano percebemos que a grande quantidade de investimentos na região não foge as flutuações das instabilidades da ordem capitalista variando anos de intensos investimentos para períodos com quase nenhum investimento (Figura 4.); pois: *“Basta pouca coisa para que um lugar financeiramente “atraente” deixe de sê-lo em questões de dias”* (CHESNAIS, p.17, 1996), No caso do hiato investimentos percebidos entre as datas de 1997 a 1999 não podemos deixar de mencionar a correlação com crise do mercado asiático ocorrida neste mesmo período.

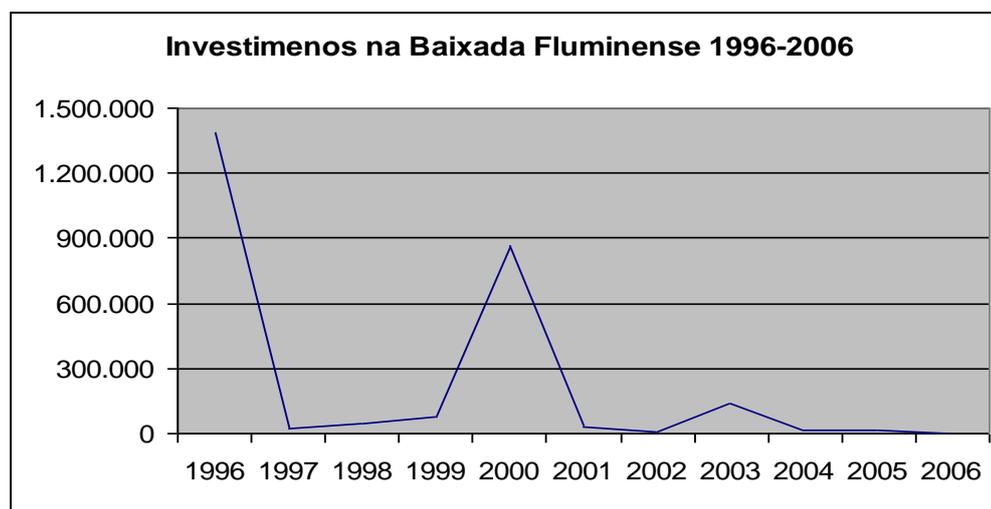


Figura 4: Investimentos na Baixada Fluminense ao longo da década.

Fonte: (SILVA, R. D. 2012) – Org. própria.

Essa volatilidade do capital que já discutimos na anteriormente, fruto da capacidade do capital de se tornar cada vez mais desregulamentado (BAUMAN, 2008) reflete obviamente nos índices sociais, isto fica muito claro no gráfico a seguir (Figura 5.) que expressa os empregos gerados decorrentes destes investimentos, que nos períodos de alta já não são tão



expressivos se tornam ainda mais escassos nos períodos de pouco investimento desmitificando a relação direta entre investimentos econômicos e gerações de emprego.

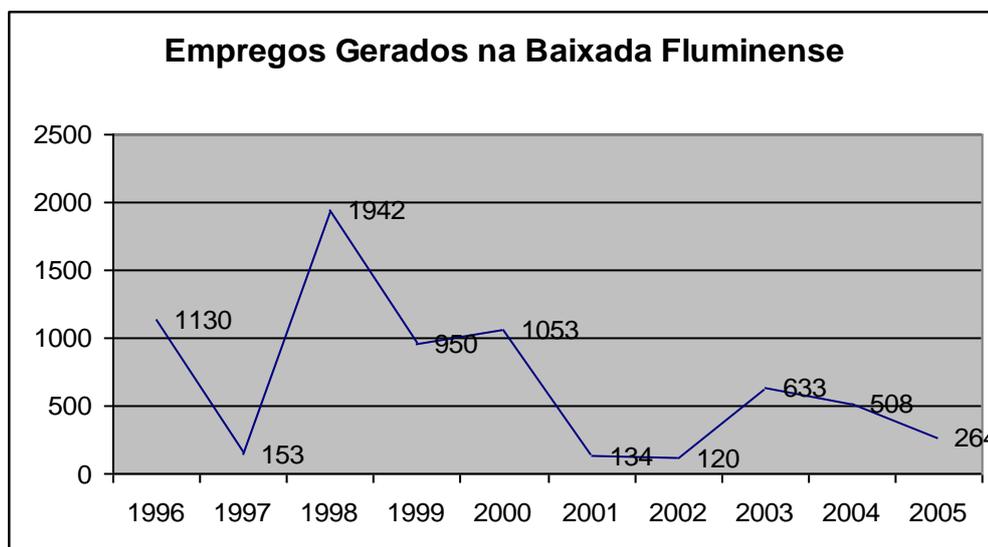


Figura 5.. Empregos gerados na Baixada Fluminense ao longo da década

Fonte: (SILVA, R. D. 2012) - Org. própria

Se a repartição temporal mostra as primeiras controvérsias de todo este aporte de investimento privado, ao separarmos os dados por cidade nos gráficos seguintes (Figura 6 e 7) percebemos ainda mais as características contraditórias e difusas dos espaços capitalistas periféricos.

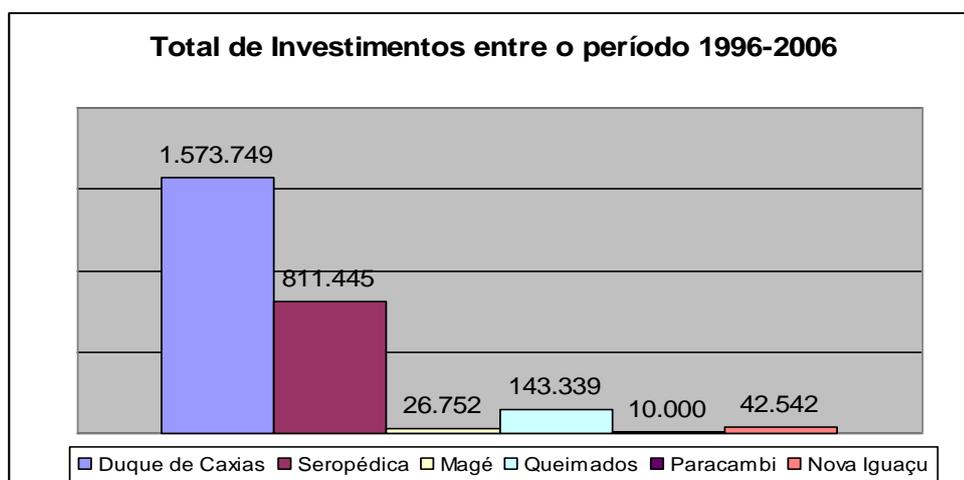


Figura 6. Investimentos na Baixada Fluminense separados por cidade

Fonte: (SILVA, R. D. 2012) – Org. Própria.

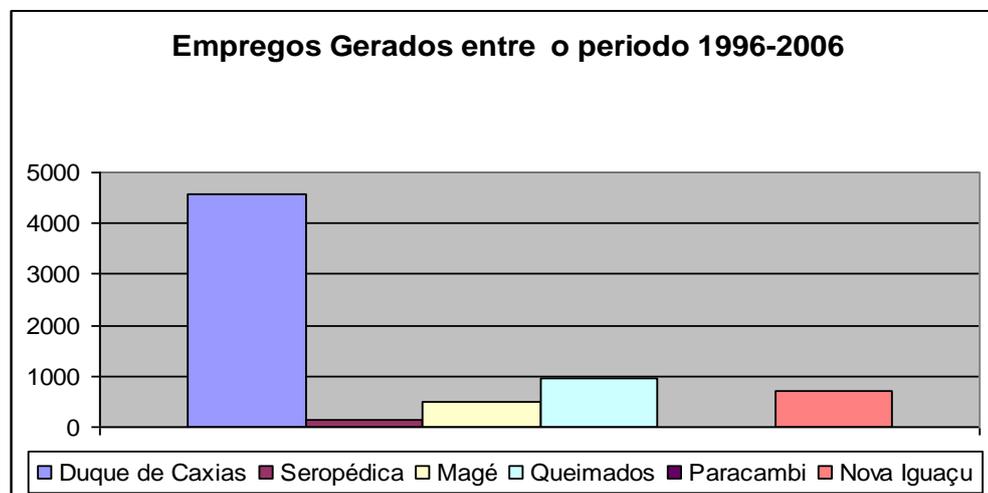


Figura 7. Empregos gerados na Baixada Fluminense

Fonte: (SILVA, R. D. 2012) – Org. Própria

Estas tabelas evidenciam que nem sempre a relação entre investimentos e empregos gerados é diretamente proporcional, isto fica materializado na cidade de Seropédica que ao receber um grande aporte de rendimentos e possivelmente grandes impactos tanto ambientais como logísticos não repercute tudo isto em empregos na região. Esta relação distanciada entre investimentos e geração de empregos é fruto de uma característica bem marcada na realidade das áreas atingidas pela “industrialização tardia” nas décadas posteriores a 1970, estas regiões serão marcadas pela precarização do trabalho e emergência do sub-emprego, processo descrito por Milton SANTOS:

O modelo de modernização da economia é acompanhada, segundo Eckaus, por imposições tecnológicas que causam a limitação de possibilidades quanto à substituição de fatores de produção. Essa rigidez impede a expansão do mercado de trabalho. Com efeito, as técnicas mais eficientes para a expansão industrial são concebidas como se o trabalho fosse uma mercadoria rara. Embora esse modelo esteja longe da perfeição nos países desenvolvidos, nos países subdesenvolvidos constitui simplesmente uma aberração, e produz o crescimento industrial com aumento do subemprego e do desemprego. O paradoxo da situação que isso cria foi descrito por Singer em termos adequados: “a criação de emprego leva ao aumento do desemprego”. (SANTOS, 2009, p. 80)

Logo esta tendência do sub-emprego arraigada a modernização confirma-se em todos os dados e análises por parte dos órgãos que estudam o “Terceiro Mundo”, e a Baixada logicamente não constitui-se uma exceção, como podemos notar na tabela seguinte:



Tabela 2. Participação das atividades econômicas no PIB municipal em 2006.

Municípios	Agropecuária	Indústria	Serviços
Duque de Caxias	0,03	41,27	58,70
Paracambi	0,57	11,86	87,57
Nova Iguaçu	0,14	14,32	85,54
Seropédica	1,34	15,20	83,46
Queimados	0,24	19,78	79,98
Rio de Janeiro (capital)	0,05	14,44	85,51

Fonte: (IBGE 2010) – Org. Própria.

A partir desta tabela podemos fazer inúmeras constatações, sendo a principal delas a hegemonia absoluta do setor de serviços na participação da economia mesmo nas cidades de caráter industrial. Os números comprovam que como se tratando de periferia do capitalismo não se pode pensar em industrialização sem o crescimento acompanhado do setor terciário, o circuito da economia que Milton Santos chamou de “circuito inferior” responsável por abrigar todos aqueles agora inseridos na lógica urbana repentinamente (SANTOS, 2009), circuito marcado pelo emprego “precarizado”, o emprego cada vez mais desvinculado de direitos trabalhistas, o “trabalho descartável” (ANTUNES, 1999; HARVEY, 2012), questão essa que nos permite questionarmos até onde a industrialização e a modernização realmente agem como mudanças positivas da realidade social e se partem de uma interação maior com as comunidades aonde se instalam, pois ao contrário de um cenário em que a pobreza é antagônica ao desenvolvimento econômico o que podemos constatar é na verdade estes dois fenômenos como dependentes um do outro, um processo dialético.

Em relação a essa constatação André Rocha afirma:

O desenvolvimento econômico dos municípios da Baixada não foi capaz de superar os problemas sociais que permanecem presentes em muitos municípios da região. Isso pode ser exemplificado no contraste presente no município de Duque de Caxias que se mostra como o 3º município com maior exportação no país, além de ter ocupado em 2000, segundo dados do IBGE, o posto de 6º município com maior PIB do país. Em contraposição a esses dados o IDH deste município era relativo à posição 1796. (ROCHA, 2011, p. 12).

Notamos claramente como apesar da reviravolta no caráter econômico os indicadores sociais dos municípios pertencentes à Baixada Fluminense continuam extenuando sua posição de lugar onde a pobreza e o acesso a pressupostos básicos para índices de qualidade de vida está longe de se realizar de forma concreta.



3.2 A reestruturação produtiva e sua faceta urbana

Quando tratamos da faceta econômica da reestruturação produtiva encontramos, portanto inúmeros elementos perniciosos desencadeados pela expansão das relações capitalistas para as regiões periféricas, processo ligado como já observamos a expansão absoluta do sistema capitalista, contudo ao investigar a lógica urbana, iremos encontrar uma relação direta com a dita segunda forma de reajuste estrutural encontrada pelo capitalismo para solucionar as crises de “sobreacumulação”: seu crescimento “para dentro” a “*expansão interna*” dos mercados (BOTELHO, 2013). A relação do urbano como solução da produção de excedentes é de longa data

Desde seus primórdios as cidades dependeram da disponibilidade de alimentos ou de trabalho excedentes. Tais excedentes foram mobilizados e extraídos de algum lugar e de alguém. Urbanização e formação de classe, portanto, sempre andaram juntas(...) O capitalismo é uma sociedade de classe que se destina à produção perpétua dos excedentes. Isso significa que está sempre produzindo as condições necessárias para a urbanização ocorrer. Na medida em que a absorção dos excedentes de capital e o crescimento das populações são um problema, a urbanização oferece uma maneira crucial para absorver as duas coisas. (HARVEY, 2011, p. 137)

Logo não é possível pensar a expansão das relações capitalistas para a periferia separada da urbanização que a acompanha, e a transformação da paisagem urbana está sempre ligada a uma solução de crise através da mobilização de excedentes desvalorizados, como o sistema capitalista gera cada vez mais crises a paisagem urbana se torna volátil e percebemos processos de “revitalização” e transformação na paisagem a todo instante, um exemplo clássico na história da Geografia Urbana é a reforma Haussmann realizada em Paris convocada por Napoleão III em 1853, que perante uma forte crise de excedentes a solução só foi encontrada perante a grande mobilização de mão-de-obra e capitais para a urbanização e a transformação de Paris em uma nova “personagem urbana” a “cidade luz” (HARVEY, 2011).

Este processo de “destruição criativa” contudo esconde uma lado perverso:

A violência é muitas vezes necessária para a nova geografia urbana surgir dos destroços da antiga. Haussmann dilacerou velhas favelas parisienses, usando os poderes de expropriação em benefício supostamente público, em nome da melhoria cívica, recuperação ambiental e renovação urbana (HARVEY, 2011, p. 144)



Assim como a expansão da industrialização para a periferia carrega consigo a expansão dos empregos precarizados e tercerizados a nova dinâmica urbana gerada nesse processo potencializa um processo de intensa transformação urbana que molda a cidade de acordo com os interesses do grande capital especulativo, tornando a paisagem urbana volátil e suscetível a mudança implicando em processos violentos de expulsão dos mais pobres de suas casas através da especulação imobiliária, Friederich Engels descreve essa lógica especulativa:

A expansão das grandes cidades modernas dá um valor artificial, colossalmente aumentado, ao solo em certas áreas, particularmente nas de localização central; os edifícios nelas construídos, em vez de aumentarem esse valor, fazem-no antes descer, pois já não correspondem às condições alteradas; são demolidos e substituídos por outros. Isso acontece antes de tudo com habitações operárias localizadas no centro, cujos aluguéis nunca ou então só com extrema lentidão ultrapassam um certo máximo, mesmo que as casas estejam superpovoadas em extremo. Elas são demolidas e em seu lugar constroem-se lojas, armazéns, edifícios públicos. (ENGELS, apud HARVEY, 2011, p. 145, 146)

Este processo descrito por Engels em 1872 é incrivelmente atual e se configura como a realidade presente na gentrificação tão comum a geografia urbana contemporânea que reforça a presença de uma segregação marcada na paisagem, e podemos observar todos estes processos em Nova Iguaçu cidade localizada na Baixada Fluminense presente em nosso recorte empírico; o geógrafo e morador da cidade Manoel Ricardo Simões faz uma descrição de todo estes processos de intensas transformações do espaço público:

O grande volume de investimentos no setor imobiliário, tanto para residências, quanto para negócios, transformou a cidade num imenso canteiro de obras, gerando uma sinergia nos demais setores da economia local que tem gerado uma retro-alimentação do mercado imobiliário e assim por diante (SIMÕES, 2011, p. 1)

Detalhando também o processo de segregação que oriunda deste processo de intensas transformações:

Estas transformações provocaram uma redistribuição da população pelos segmentos da área central e suas adjacências, com a consolidação de um núcleo de alta renda e a migração da classe média para os bairros vizinhos mais próximos e a conseqüente expulsão dos mais pobres para bairros ainda mais distantes, onde estão sendo construídos vários condomínios populares com subsídios



governamentais, principalmente pelo “Minha Casa, Minha Vida”.
(SIMÕES, 2011, p. 18)

3.3. A reestruturação produtiva e a ideologia do progresso

Apesar de todas estas contradições uma questão se revela evidente: como este modelo de desenvolvimento se consolidará nas mentes dos governantes e da grande mídia como solução do problema da pobreza na Baixada Fluminense, mesmo após constatarmos que a intensificação de investimentos econômicos não é garantia de retorno social?

A resposta é relativamente simples, até agora nos relacionarmos diretamente somente com o caráter “infra-estrutural” desta relação econômica, para buscarmos a hegemonia da industrialização precisamos procurar a resposta na “super-estrutura” das relações sociais e entender como o progresso se estabelece como ideologia dominante.

Pensar o desenvolvimento econômico como pressuposto básico para o desenvolvimento de todo o bem-estar da população local não é um caráter exclusivo da Baixada Fluminense, estamos nos deparando com um verdadeiro paradigma que, simplesmente, foi o verdadeiro fator que legitimou toda a incorporação do resto do mundo à ordem capitalista, considerando sua necessidade de expansão não é de se estranhar que fosse necessário buscar no campo das idéias a conversão destes novos espaços à ordem capitalista, consentimento este que resumirá somente a um termo: o “progresso”, sabemos o quanto mais abrangente um termo se torna mais facilmente utilizado pelo senso comum ele passa a ser, e o progresso é uma destas palavras da modernidade capazes de justificar toda e qualquer ação, para Wallerstein isto pode ser explicado da seguinte maneira:

Se há uma idéia associada ao mundo moderno, é a noção de progresso(...) A idéia de progresso justificou a transição do feudalismo para o capitalismo. Legitimou que a oposição remanescente a mercantilização de tudo fosse destruída e permitiu descartar os aspectos negativos do capitalismo com base na noção de que os benefícios superavam em muito os prejuízos.
(WALERSTEIN, 2007, p. 83)

Desse modo, percebe-se que há uma ideologia do desenvolvimento incorporada ao discurso dominante na Baixada. Neil Smith aponta que a ideologia, pode ser considerada aquilo responsável por tornar como visão única e total o que seria uma visão parcial da realidade, a visão de apenas uma determinada classe se torna o pensamento reproduzido pelo



senso comum (SMITH, 1988). Ao buscarmos os componentes ideológicos da reestruturação produtiva na Baixada Fluminense encontramos facilmente esta concepção distorcida da realidade exercida com o propósito de consolidar determinado projeto nas mídias, revistas especializadas, e nos próprios sites das prefeituras, para exemplificar iremos recorrer a uma reportagem típica presente no blog da prefeitura de Queimados:

Emancipada há apenas 20 anos do município de Nova Iguaçu e com um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano - ocupa a 73ª posição entre as 91 cidades do Estado do Rio de Janeiro, com IDH de 0,732 -, Queimados, na Baixada Fluminense, *esta respirando os ares do futuro*. (Prefeitura de Queimados, 2010, grifo nosso)

Ao referir-se como “respirando os ares do futuro”, os administradores apelam justamente para este conceito quase que psicológico consolidado no senso comum de progresso econômico industrial hegemônico como pressuposto básico para o desenvolvimento social modelo que para Milton Santos se mostra claramente fracassado:

As teorias do desenvolvimento têm sido apresentadas como soluções para corrigir as desigualdades entre indivíduos, regiões e países. Admite-se, geralmente, que essas teorias exigem um quadro de referência internacional, ou seja, um modelo estranho aos países envolvidos. A idéia de planejamento, um corolário do desenvolvimento, muito contribui para reforçar esse ponto de vista. (...) Todavia, apesar de terem decorrido trinta anos desde que os conceitos de desenvolvimento e planejamento tornaram-se idéias-força, as desigualdades não pararam de aumentar a nível individual, regional e internacional. (SANTOS, 2009, p. 77)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir nossa análise acerca da reestruturação produtiva na Baixada a partir da idéia de que desmistificação destes ideais progressistas como verdadeiros “redentores” da Baixada Fluminense é o primeiro passo para se pensar uma verdadeira reestruturação que abarque não somente índices econômicos, mas melhorias concretas na realidade social, cabendo as ciências sociais o papel de subverter e desmitificar a realidade dita “perversa” para pensar uma possibilidade de se realizar a reestruturação produtiva no urbano fluminense para além da circulação das mercadorias através daquilo que Milton Santos chamaria de “Globalização com possibilidade”. (SANTOS, 2008)



AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao CNPq e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro por financiar o desenvolvimento da pesquisa, ao LAGEPPE e colegas do grupo de pesquisa por realizar as discussões necessárias à criação das reflexões teóricas para a realização deste trabalho e ao professor orientador da pesquisa Dr. Leandro Dias Oliveira pelo suporte e ajuda durante esses 12 meses de pesquisas realizadas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Mauricio. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do Trabalho**. São Paulo. Boitempo Editorial, 1999
- BAUMAN, Zygmund. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- BOTELHO, Maurilio Lima. Desenvolvimento, espaço e crise estrutural, in: **Espaço e Economia** [Rio de Janeiro, 2013], Disponível em: <<http://espacoconomia.revues.org/153>> acesso em 22 abr. 2013.
- CEPERJ, Fundação. **Anuário Estatístico do Rio de Janeiro**. Disponível em <www.ceperj.rj.gov.br> acesso em 10 fev. 2013.
- CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. Rio de Janeiro, Xamã. 1996.
- COGGIOLA, Osvaldo. **Neoliberalismo ou crise do capital?** 2ª Ed. São Paulo: Xamã, 1996.
- HARVEY, David. **O Enigma do Capital e as crises do capitalismo**. 1ª Ed. São Paulo. Boitempo Editorial, 2011.
- _____. **A Condição Pós-moderna**. 13ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- _____. **Neoliberalismo: História e Implicações**. 2ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- _____. **O Novo Imperialismo**. 6ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012[b].
- IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em <www.ibge.gov.br> acesso em 10 fev. 2013.
- LENIN, Vladimir Ilitch. **Imperialismo, Estágio Superior do Capitalismo**, São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- OLIVEIRA, Floriano José Godinho. **Reestruturação produtiva e regionalização da economia no território fluminense**. 2003. 231f. Tese(Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2003.



PREFEITURA DE QUEIMADOS. **Empresas descobrem o Distrito Industrial de Queimados.** [Rio de Janeiro, 2010] Disponível em <queimados-rj.blogspot.com.br/2010/03/empresas-descobrem-o-distrito.html>

ROCHA, André Santos. A representação “ideal” de um território: exemplificando a Baixada Fluminense. **Revista Pilares da História.** Ano 10, n.11, p.20-30, maio de 2011.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização.** Do pensamento único à consciência universal. 14ª Ed. São Paulo. Editora Record, 2007

_____. **Pobreza Urbana – 3ª Ed.** São Paulo, EDUSP, 2009.

SILVA, Robson Dias. **Indústria e Desenvolvimento Regional no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro. Editora FGV, 2012.

SIMÕES, Manoel Ricardo. Reestruturação da Área Central de Nova Iguaçu. In **anais XII SIMPURB,** Belo Horizonte, UFMG, 2011. Disponível em: <<http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/e6318e9028d7bb64cf857f956a615183.pdf>> data do Acesso 20/04/2013.

_____. **Ambiente e Sociedade na Baixada Fluminense.** Rio de Janeiro, Entorno, 2011[b].

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual – natureza, capital e a produção do espaço.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Redes e Cidades.** São Paulo: Editora Unesp, 2008.

WALLERSTEIN, Immanuel. “Mundialização ou Era de Transição? Uma Visão de Longo Prazo da Trajetória do Sistema-Mundo” In: CHESNAIS, F.; DUMÉNIL, G.; LÉVY, D.;

WALLERSTEIN, I. **Uma Nova Fase do Capitalismo?** São Paulo: Xamã, 2003.

_____. **Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista.** 2ªEd. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.